

DECOLONIALIDADE E FORMAÇÃO DO LEITOR CULTURAL: MEMÓRIAS, AFETOS, CORPOS E MOVIMENTOS NA PRODUÇÃO LITERÁRIA, *DESMEMÓRIA*

Bruno Silva Nascimento
Maria Jeane Souza de Jesus Silva
Franciellen Santos Francese

Resumo: O estudo versa sobre a análise do romance *Desmemória*, de Thalita Coelho, com enfoque nas complexas dinâmicas de memória e afeto. Utilizando uma perspectiva decolonial, procura explorar as labirínticas camadas da narrativa e revelar como a trama desafia as construções hegemônicas de corpos, memória, afeto e identidade. Também, busca-se compreender como as vivências individuais e coletivas, associadas a eventos históricos, culturais ou traumas pessoais, assim como a construção da identidade, são moldadas, contestadas e reimaginadas em uma iniciativa voltada para as lentes decoloniais dessas representações. As discussões apresentadas são firmadas em trabalhos de intelectuais provenientes das epistemologias decoloniais, que tencionam uma ruptura com toda forma de opressão constituída pelas ideologias EURO-USA-centristas. Ademais, almeja-se investigar como as representações culturais e históricas presentes na obra podem ser (des)reconstruídas sob uma perspectiva decolonial, visando entender o papel dessas representações na construção de identidades, nas relações de poder e nas visões de mundo alternativas, que somente a literatura pode proporcionar à formação do leitor cultural.

Palavras-chave: Desmemória. Decolonialidade. Formação do leitor cultural. Narrativas Lésbicas.

DECOLONIALITY AND FORMATION OF THE CULTURAL READER: MEMORIES, AFFECTIONS, BODIES AND MOVEMENTS IN LITERARY PRODUCTIONS, *DESMEMÓRIA*

Abstract: This study is about an analysis of Thalita Coelho's novel *Desmemória*, with a specific focus on the complex dynamics of memory and affection. Through a decolonial lens, it aims to explore the labyrinthine intricacies of the narrative, uncovering how the plot challenges hegemonic constructs of bodies, memory, affection and identity. Additionally, the study seeks to comprehend how individual and collective experiences, linked to historical, cultural events, or personal traumas, as well as identity formation, are shaped, contested, and reimagined within a framework that centers decolonial interpretations of these representations. The discussions are grounded in the works of intellectuals from decolonial epis-

temologies, who advocate a rupture from all forms of oppression perpetuated by Euro-USA-centric ideologies. Moreover, the study aspires to investigate how cultural and historical representations in the work can be (de)constructed through a decolonial perspective, aiming to understand the role of these representations in identity formation, power relations, and the alternative worldviews that literature uniquely offers to the cultural development of the reader.

Keywords: Desmemory. Decoloniality. formation of the cultural reader. Lesbian Narratives.

Os primeiros fragmentos da obra – *Desmemória*

O romance *Desmemória*, de Thalita Coelho (2020), narra a trajetória de Ana Cristina, uma mulher que misteriosamente, cuja repentina entrada em coma, deixa sua companheira, Victória, em um estado de perplexidade e culpa. À medida que a trama se desenvolve, o/a leitor/a é imerso em um intrincado labirinto de memórias e emoções, onde cada revelação lança luz sobre os segredos enterrados no passado de Ana Cristina e Victória. Enquanto Victória lida com o peso de sua própria consciência, tentando desvendar os mistérios por trás do estado de sua companheira, a linha entre realidade e ilusão torna-se cada vez mais sutil. Gradualmente, os fragmentos do passado emergem, construindo uma rede de relações complexas e verdades ocultas, desafiando as percepções dos(as) personagens e dos(as) leitores(as), que se sentem compelidos(as) a questionarem as noções convencionais de identidade, amor e responsabilidade.

A interseção entre memória e afeto é recorrente na literatura contemporânea, especialmente quando contextualizada dentro de uma perspectiva decolonial. No romance de Thalita Coelho, tal entrelaçamento é abordado com profundidade e provocação, desafiando as narrativas tradicionais e incitando os(as) leitores(as) a questionarem as estruturas hegemônicas, como a colonialidade do saber, a colonialidade do ser, a colonialidade do ver, a colonialidade do fazer e do pensar, a colonialidade de ouvir, etc. (Mignolo, 2010, p. 12, tradução nossa).

O desafio mais evidente, portanto, é romper com as ideologias alicerçadas no eurocentrismo. Contudo, há de se considerar peculiaridades importantes nesse cenário, que é promover um ensino mais significativo, que se desvincula das *praxiologias* já consolidadas, o que configura-se como parte cons-

tituinte de uma epistemologia adequada, mais coerente para o ensino das escolas públicas e quiçá fora delas (Nascimento; Silva, 2022, p. 262).

Neste estudo, propõe-se uma investigação meticulosa das dinâmicas de memória, corpo e afeto presentes na obra, destacando como esses elementos podem ser (des)reconstruídos sob as lentes decolônias. Ao imergir nas intrincadas tramas narrativas concebidas por Coelho, nosso objetivo principal é explorar as complexas camadas da narrativa e revelar como o texto desafia as construções hegemônicas de memória e identidade em *Desmemória*, que abarque a formação do(a) leitor(a) cultural (Gomes, 2011). Esse processo envolve interpretar o texto, o contexto e o intertexto da produção literária, bem como a recepção da leitura enquanto prática social transformadora.

Diante do exposto, buscamos compreender como as vivências individuais e coletivas da memória, associadas a eventos históricos, culturais ou traumas pessoais, assim como a construção da identidade, são moldadas, contestadas e reimaginadas em uma iniciativa voltada para a decolonização dessas representações. Ademais, almejamos investigar como as representações culturais e históricas presentes na narrativa, podem ser (des)reconstruídas sob uma perspectiva decolonial, visando entender o papel dessas representações na construção de identidades, nas relações de poder e nas visões de mundo alternativas, por meio da literatura.

Dessa maneira, o presente trabalho visa contribuir para um diálogo intercultural e decolonial, evidenciando a importância de uma abordagem crítica e reflexiva (Freire, 2013) na análise de obras literárias contemporâneas, que questionam estruturas coloniais de poder. Por esse viés, torna-se uma oportunidade salutar para a formação do(a) leitor(a) cultural, para promover o empoderamento pessoal/coletivo, a justiça e a equidade social, principalmente de grupos historicamente marginalizados.

Formação do(a) leitor(a) cultural e apagamento da literatura lésbica: o que a escola tem a ver com isso?

Para uma compreensão abrangente da marginalização da literatura lésbica, precisamos pensar primeiramente como o gênero opera dentro das estruturas discursivas, pois essa estrutura também empreende perpe-

tuando a exclusão, dominação, exploração e o controle da sociedade. Tais opressões podem intensificar ou diminuir a intensidade a depender dos espaços e das intersecções de cada indivíduo. Para Polesso (2020), no contexto da escrita, corpos que desafiam as normas sociais e exercem práticas não convencionais, as políticas que regem a heteronormatividade e tudo o que se refere à colonialidade entram em conflito. Sugerindo assim, que corpos de mulheres lésbicas estão fora do enquadramento das normas sociais, sofrendo apagamento em todos os âmbitos e sendo postas à margem.

Notoriamente, para Polesso (2020), a literatura lésbica deve ser analisada como uma reivindicação de espaços, como uma ciência que rompe com as normas tradicionais. Com sua essência efêmera, busca ir além de uma relação temática, para abordar também visões políticas e estéticas. Existe um debate sobre o uso da palavra “lésbica” para se referir a essa literatura. No entanto, Adrienne Rich (2010) defende a existência lésbica por meio do conceito de *continuum lésbico*. Esse conceito abrange não apenas mulheres que amam outras mulheres, mas também representa uma ruptura com o patriarcado. Tal posicionamento nos ensina sobre o real enfrentamento, afastando dos corpos femininos toda a opressão e formas compulsórias de viver, permitindo que elas se expressem e coexistam com as diferenças, em detrimento das normas EURO-USA-centristas (Candau, 2017). Não raro, o patriarcado é uma estrutura de poder que opera entre os sexos, masculino x feminino, como dominante em várias esferas da vida, a exemplo da família, do trabalho, da política e da cultura.

A diversidade de corpos em um espaço escolar está para a pedagogia da diversidade que é emancipatória por reconhecer e destacar outras racionalidades que produzem outros conhecimentos construídos por meio de uma vinculação estreita entre a razão e sentimentos, entre os desejos, os conflitos, as vivências, as lutas, as práticas sociais e o ato de aprender. Esse pensamento promove uma leitura mais crítica e contextualizada dos textos, da literatura marginalizada/silenciada, incentivando o(a) leitor(a) a considerar a influência dos contextos sociais na construção de sentido.

O lugar do leitor cultural (Gomes, 2011) ganhou maior visibilidade a partir dos estudos culturais e feministas. De acordo com o autor, “os estudos culturalistas podem ser usados para uma reatualização dos sentidos

do texto literário, proporcionando uma prática de ensino politizada e mais adequada aos novos desafios da educação no Brasil (Gomes, 2011, p. 10). Configura-se como uma valiosa oportunidade para a exploração e compreensão das subjetividades, identidades e autocrítica imanentes aos contextos culturais específicos, angariadas às suas vozes, corpos, mentes, lugares, espaços e nuances. Exige-se uma abertura às múltiplas perspectivas culturais, linguísticas e ontoepistemológicas que desafiam a centralidade do conhecimento. Esse é o lugar do(a) leitor(a) ao qual aspiramos.

Nesse cenário e momentos interpretativos com o autor, entendemos que a *práxis* pedagógica precisa partir de uma pluralidade de motivações que podem impulsionar o(a) professor(a)/pesquisador(a) no processo do trabalho com a literatura crítica, visando não apenas desconstruir, mas também (re)construir um ambiente educacional mais crítico, humanitário e ético, em linhas com as proporções de Freire (2013), Mignolo, (2010), Gomes (2011), Nascimento e Silva (2022). Tal afirmação denota na contribuição para atender às demandas contemporâneas do(a) professor(a)/pesquisador(a), gerando um impacto mais significativo na vida dos(as) estudantes e, por fim, na sociedade como um todo.

Ainda no que concerne à formação do(a) leitor(a) cultural, propomos-nos, com base em Elizabeth Macedo (2017), a tocar em um ponto fértil e delicado: a educação e a pergunta pelos *Outros*. Isso parece traçar as linhas divisórias nos discursos pedagógicos atuais: trata-se, por acaso, de um outro que nunca esteve aqui? Ou de um outro que volta somente para nos contar as suas histórias de discriminação, complexidades e exclusão? Ou talvez, de um “eu escolar” que, simplesmente, se dispõe a hospedar e/ou se inquieta somente pela estética da sua própria hospedagem, mas que não se interessa pelo outro?

Nesse contexto, pode-se afirmar que a escola, apesar de ser um espaço onde as diferenças sempre coexistiram, nem sempre reconheceu sua existência ou a considerou na sua complexidade. Durante muito tempo, negou-se a existência das diferenças no processo pedagógico. Pratica-se, assim, a pedagogia de sempre, que nega a existência do outro, duas vezes, tanto por não o enunciar quanto por não permitir que ele mesmo se enuncie. Não há senão uma menção ou anúncio forçado e inevitável.

Em Macedo (2017), *O Currículo no Portão da Escola* destaca que, quando os(as) alunos(as) entram neste espaço e os portões são fechados e trancados, uma parte da história de cada um fica lá fora. Os(as) estudantes não se reconhecem naquele lugar que fica tão perto da casa deles(as), em um ambiente que muitas vezes têm ritmos e falas estranhos e dissonantes dos ritmos e falas que eles(as) trazem. Se entendermos que a escola é espaço de conhecimento, de cultura, de diálogo, de entender o mundo e se entender no mundo, saberemos que muros não fazem sentido, parafraseando a autora.

Esses muros se apresentam nas escolhas das literaturas ideologicamente situadas, legitimadas nos currículos pelo sistema de ensino, que também são (in)tensionais, conflituosos, intrínsecos de valores e sentidos. Desde muito cedo a cultura nos molda e a escola reforça uma educação gendrada e patriarcal. Esse movimento, historicamente marcado pela colonialidade do poder e das ideologias *EURO-USA-centristas*, trazem em seu âmago resquícios latentes da colonização, os quais instituídas, pensadas para nós, logo, desprovido de críticas ou de adaptações aos contextos diversos, tornando-se, assim, em um fenômeno natural e aceitável.

Partindo do viés multidimensional, caracterizado pelos positivistas das epistemologias provenientes de visões *EURO-USA-centristas*, que exclui os indivíduos em suas linhas abissais, estigmatizando suas especificidades e conhecimentos que são imprescindíveis sócio-culturalmente (Sousa Santos; Meneses, 2010). Politicamente, essa perspectiva amalgama-se às diretrizes de políticas públicas inclusivas e à luta por direitos humanos, destacando a importância de uma educação que promova a equidade e a justiça social, também por meio da literatura. Isto é, a escola, instituição social legitimada socialmente, não pode se eximir de um papel tão fundamental e emergente: inserir no currículo e nos planejamentos de ensino, outras abordagens literárias, que desafiam preconceitos e ampliam as perspectivas dos(as) leitores(as) sobre questões de gênero e sexualidade, em prol do respeito e do diálogo plural.

Ramificações: a autora, o material e o método

Thalita Coelho é escritora, professora e doutora em Teoria Literária pela UFSC. Publicou seu primeiro livro, *Terra Molhada*, em 2018. Coelho prefere ser reconhecida com o substantivo composto de escritora lésbica, pois suas obras se dedicam à vivência lésbica, explorando o amor entre mulheres, traumas e violências que acompanham as questões relacionadas ao gênero. A escritora conta que escrever sempre foi seu maior refúgio. Quando decidiu atear fogo em seu armário e reafirmar sua existência, nasceu uma poeta. Como poeta, ela consegue transbordar suas dores e acolher as vivências de mulheres que passaram por situações semelhantes.

Ao pensar em literatura lésbica, é importante lembrar do leque que se abre para temas que são muitas vezes marginalizados, como a construção de identidade em um contexto de resistências sociais, os desafios relacionados à aceitação e o enfrentamento de traumas e violências de gênero. Esse apagamento histórico se arrasta e ainda enfrenta diversas lacunas na escola, na sociedade, na família (e para além). Segundo a ensaísta e professora Adrienne Rich (2010), mulheres lésbicas são historicamente destituídas de suas existências, sendo alocadas como uma versão feminina da homossexualidade masculina. Dessa forma, a existência lésbica, duas vezes estigmatizada, é apagada e banida de um suposto contexto feminino.

Mesmo enfrentando uma realidade que constantemente viola a integridade de uma mulher lésbica, Coelho não utiliza sua escrita para evidenciar ainda mais as feridas. Pelo contrário, a autora usa sua obra para curar as dores, transformando seus versos em afetos que abraçam outras vivências que se cruzam com a sua. Em *Desmemória*, Coelho foca no amor entre duas mulheres, desenvolvendo um enredo leve e envolvente sobre memórias e a maneira como lidamos com nossas feridas.

Para organizar este trabalho e, conseqüentemente, discutir os temas abordados, sentimos a necessidade de explicitar os métodos utilizados em sua elaboração, o que será apresentado na seção seguinte. Posteriormente, detalharemos os materiais que fundamentam nossas/outras concepções acerca das particularidades presentes na narrativa da autora. Optamos por incluir textos críticos e decoloniais, pois estes abordam de maneira irrefutável as ideologias *EURO-USA-centristas*.

Endossando o discurso de Candau (2017) essas ideologias têm moldado profundamente o mundo contemporâneo, impondo padrões culturais e epistemológicos ocidentais como universais. No entanto, essas perspectivas enfrentam crescente resistência à medida que vozes de diferentes culturas e tradições se levantam para reivindicar espaço e reconhecimento. Esse movimento de resistência visa a descolonização do conhecimento e a valorização das diferenças/diversidade epistemológica, promovendo uma compreensão mais ampla e sensível das múltiplas formas de saber, ser, ver, fazer, pensar e ouvir, etc. no mundo contemporâneo (Mignolo, 2010).

Figura 1 – Capa da obra de Thalita Coelho



Fonte: <https://lojaamalivros.com.br/editoras/jandaíra/desmemoria.html>. Acesso 28 out. 2024.

Como educadores(as)/pesquisadores(as) sob as premissas dos Estudos de Linguagens, optamos por desenvolver pesquisa qualitativa-interpretativa, destacando-se pela ênfase interpretativa. Seu objetivo principal é compreender os significados e as construções narrativas e identitárias presentes na obra em questão.

Como afirmam Denzin e Lincoln (1998), a pesquisa qualitativa-interpretativa sustenta duas tensões simultâneas: uma direcionada para uma sensibilidade ampla e crítica, como as abordagens pós-modernas e feministas, e outra voltada para concepções mais restritas, como as positivistas,

pós-positivistas, humanísticas e naturalistas. Revozeando esses discursos, este campo de estudo desafia os(as) pesquisadores(as) a transcenderem fronteiras disciplinares, integrando diversas perspectivas para oferecer *insights* mais significativos e nuances sobre os fenômenos estudados.

Os materiais utilizados para a elaboração deste artigo incluem *Desmemória*, que serve como principal objeto de análise. Além disso, empregamos textos teóricos e críticos que abordam temas relacionados à memória, identidade e perspectivas decoloniais, proporcionando um embasamento teórico consistente para nossa investigação. As análises foram complementadas por imagens relevantes, como a capa da obra (Imagem 1), que ilustra visualmente os elementos discutidos no romance. Essas imagens, juntamente com outros estudos apresentados, oferecem uma representação visual e textual que enriquecem a compreensão e a interpretação dos(as) leitores(as) sobre os temas abordados.

Perspectivas Críticas: Análise de *Desmemória*

Se um dia o cânone literário brasileiro contribuiu para que o amor de duas mulheres fosse visto como algo indecoroso e infame, Thalita Coelho rompe o silêncio e a marginalização ao nos apresentar em seu romance uma heroína lésbica. Victoria, a narradora-personagem de *Desmemória*, nasceu com a capacidade sobre-humana de desmemorar pessoas. Criada por Tia Pandora, cresceu ajudando-a com sua pequena loja de livros, “A Caixa de Pandora”. Para Chavalier e Gheerbrant (2003), o simbolismo da palavra caixa é uma representação do feminino e, ao mesmo tempo, do inconsciente, e ambos os significados estão entrelaçados à diegese do romance.

Segundo os autores, a caixa também é uma metáfora para aquilo que é guardado, algo valioso e assustador. O poder de desmemorar faz com que Vicm passe boa parte de sua vida escondida atrás do balcão da pequena loja de livros, como um verdadeiro segredo, ao mesmo tempo que a caixa a sufoca com seu duplo papel – o de guardar seu segredo do mundo e o sufocamento de sua existência.

A personagem Vic nunca escondeu ser uma mulher lésbica para sua Tia “Pam”, recebendo acolhimento familiar quanto à sua orientação, e o

mesmo ocorreu com seu superpoder, que era de conhecimento de sua tia desde o seu conturbado nascimento. Porém, o fato de Vic desejar passar sempre despercebida, seja para esconder sua excentricidade quanto à sua sexualidade, é uma alegoria que a autora utiliza para abordar a violência sofrida por mulheres lésbicas. Nessa perspectiva, a alegoria da “invisibilidade” explora a dor de sentir-se compelida a diminuir a si mesma para sobreviver em um ambiente hostil, onde a violência física, psicológica ou estrutural permeia outras mulheres representadas na obra supracitada.

De acordo com Rich (2010), lésbicas que não ocultam sua orientação enfrentam discriminação ao buscar moradias, emprego, educação e tentar se colocar como membro da sociedade. Ao longo dos anos, até mesmo dentro de instituições que aderem a uma política feminista tendem a demitir ou persuadir essas mulheres a esconder sua orientação. Sendo assim, ao tentar se esconder, se misturar, ou passar despercebida, é uma resposta passiva à repressão que sofria se descobrissem seu dom ou sua lesbianidade.

Em contraposição com Vic, temos a personagem Ana Cristina, trazendo uma presença vibrante que adiciona camadas à narrativa e ilumina aspectos que, sozinha, Vic talvez não pudesse explorar. Ana é uma mulher preta, inteligente e decidida. Determinada a abandonar a faculdade de Direito para ingressar no curso de Fotografia, conheceu Vic enquanto procurava por um livro necessário para o vestibular, que comprou na loja Caixa de Pandora. A lenda do poeta grego Hesíodo conta que, quando Pandora abriu a caixa, apenas o sentimento de esperança permaneceu, pois esta não ousava atravessar, tampouco abandonar a humanidade. Uma simbologia direta com o arco narrativo das personagens, que se inicia em *In medias res*¹, quando a personagem Ana está em coma e Victoria, tomada por um misto de culpa e esperança de salvá-la, relembra suas memórias antes do acidente para tentar conseguir respostas e redenção, ao mesmo tempo, desafiando a segurança que a invisibilidade sempre lhe proporcionou.

1. Do latim – “no meio das coisas”. É uma técnica que foi utilizada na narrativa por meio de *flashbacks*, diálogos e lembranças. É uma forma de introduzir o leitor na história já no meio de uma ação sem uma prévia pré-estabelecida. Muito utilizado em romances, filmes e séries, cria-se um ritmo mais envolvente, misterioso e dinâmico.

Como uma vampira contemporânea, Victoria possui a habilidade de roubar a memória de qualquer criatura ou objeto. Sua energia vital, essencial para sua sobrevivência, depende dessa habilidade. Contudo, ela pode matar outra pessoa se não souber controlá-la. Ao longo da narrativa, Victoria revela que nunca conheceu alguém como ela até a chegada de Sami, outra *desmemoriadora*. Sami a ensina a conviver com essa capacidade de maneira a não prejudicar as pessoas a seu redor, incentivando um uso responsável. A amizade entre as duas cresce à medida que Sami confirma que o estado de coma de Ana é culpa de Vic, mas promete fazer de tudo para ajudá-la. Determinada a camuflar seus dons, Vic sempre evitou o convívio social, até a chegada de Ana. Temendo causar-lhe mal, Victoria manteve esse segredo por um longo tempo antes de revelar à sua namorada, reclusa de sua reação.

É necessário observar que os “poderes” de Victoria não são um arco narrativo desenvolvido. A autora evidencia como essa habilidade da personagem, de se alimentar de memórias guardadas em nosso inconsciente, reflete nossa capacidade de esquecimento para conseguir lidar com nossos medos mais intensos. Ao recorrer ao verbete “memória” no E-Dicionário de Termos Literários, Paixão (2009) afirma que o termo remonta ao mito de Fedro. De acordo com esse mito, a alma humana teria percorrido o mundo das ideias em uma carruagem puxada por dois cavalos alados. Ao refletir sobre esta metáfora, é possível depreender a dualidade da alma humana e os desafios que enfrentamos para controlar nossos impulsos a fim de alcançar o apoio mútuo para fortalecer a resistência individual e coletiva. Dessa forma, a memória é vista não apenas como a retenção de conhecimento, mas também como um ativador da imaginação e das capacidades de interpretação, problematização e reinvenção, que influenciam aquilo que é recordado pelo indivíduo.

O termo des-memória é um velho conhecido da psicanálise e das teorias freudianas. Endo (2018), pesquisador da Universidade de São Paulo, que se dedica aos estudos psicanalíticos, afirma que os sintomas neuróticos mostram como o inconsciente interfere no corpo e no psiquismo, criando uma situação em que o sujeito não consegue esquecer nem lembrar conscientemente dos traumas. Esses sintomas são manifestações de

um trabalho inconsciente que perpetua a des-memória, um estado em que conteúdos dolorosos se alienam da consciência, gerando uma repetição incessante e um aprisionamento da energia psíquica no corpo.

Por sua vez, *Desmemória*, enquanto literatura é um retrato da realidade circundante, se aproxima dessa condição humana, dos rastros dos tempos-espaço atravessados pelas emoções e afetos. Neste sentido, ao analisar a passagem do livro onde Vic tenta acessar o inconsciente mais profundo de Ana, ela precisa lidar com um labirinto repleto de fragmentos, memórias que se misturam entre o trauma, fantasia e realidade dos momentos vividos pelas personagens.

Ainda focada na outra porta e nas palavras de Ana, eu só podia concluir que estava chegando perto, era por isso que ela queria me manipular. Querendo ou não, o inconsciente de Ana estava tentando protegê-la daquela que a tinha deixado naquele estado. Era plausível a tentativa de me afastar. Suspirei fundo antes de abrir a porta e dar de cara com o corredor do hospital, a lagartixa novamente na frente da porta, me encarando. Olhei para trás, procurando voltar por onde tinha vindo, mas não havia nada além de uma parede branca encardida (Coelho, 2020, p. 179).

Nesse momento, a narrativa assume um tom mais introspectivo. A porta e o corredor do hospital, que Vic atravessa com a insistente presença da lagartixa, parecem agir como símbolos das barreiras emocionais e psicológicas que ela precisa ultrapassar. O simbolismo “lagartixa” – um personagem que não emite qualquer diálogo, mas cuja presença é contundente, guiando Vic através do labirinto do inconsciente de Ana. A imagem da lagartixa evoca uma série de representações, como o medo, os sentimentos reprimidos e o temor da morte. E, não menos importante, a simbologia do labirinto, como o minotauro, que se conecta aos conceitos de identidade e conflitos internos, silenciamentos ideologicamente situados, que abre um leque em relação às lutas de resistência para assegurar direitos relegados, a exemplo das mulheres na ciência e na literatura.

Diante disso, não é possível definir de qual inconsciente a “lagartixa” – um símbolo de resiliência, regeneração ou até mesmo da memória emocional, emerge, pois, ambas as personagens lidam com a dor da ausência, das violências sofridas e das escolhas. Isso fica nítido quando Vic precisa confrontar a sombra da própria mãe, pois carrega dentro de si parte de Paola e suas

memórias fragmentadas, sendo a mãe um lado obscuro de si mesma que ela reluta em reconhecer. A figura materna representa algo além da dor da ausência ou das violências; em outras palavras, é como se ela fosse uma parte obscura da psique de Vic, que, por meio da “lagartixa”, confronta em momentos de crise, e que se revelam página a página ao leitor gradualmente.

Desmemória também se cruza com as *escrevivências* de Evaristo (2013); nascem da vida real, do testemunho e das dores experimentadas que podem contar outras dores de mulheres e meninas silenciadas/invisibilizadas, seja por seus desejos, corpos e identidades, ou por suas ancestralidades. Tornam-se, portanto, centrais na criação da própria literatura, ao oferecerem narrativas que desafiam o patriarcado e outras normas heteronormativas. Escrever por estranhos *devires*, narrar o vivido, costurar memórias que buscam, nas entrelinhas, projeções, arte e sonhos *escrevidos*.

Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em *Becos da Memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da Memória* é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está na vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos* foi perseguir uma *escrevivência* (Evaristo, 2013, p. 12).

Reunindo todos os principais pontos expostos e retomados pelas lentes decoloniais, é possível compreender que Thalita Coelho, não teceu o romance *Desmemória* para colocar a lesbianidade das personagens em primeiro plano, ela percorre o enredo buscando capturar a essência das relações humanas aos traumas, aos afetos e ao nosso universo íntimo e singular. Nesse movimento, a autora possibilita ao leitor refletir sobre as pessoas que enfrentam conflitos internos e externos relacionados à sua sexualidade, e que devem lidar com a dor e a descoberta enquanto buscam reconhecimento e compreensão. Assim sendo, precisamos ser capazes de identificar todo conhecimento que é estruturado/transmitido por contextos culturais, históricos, políticos e sociais, reconhecendo as diferenças/diversidades de perspectivas que moldam nossas compreensões do mundo. Portanto, é responsabilidade primordial da escola e (todos os envolvidos), criarem possibilidades para transformação de sujeitos que respeitem a pluralidade e o direito instituído.

Considerações Finais: *Desmemória* em Perspectiva

O romance permitiu-nos compreender como a autora (re)constrói narrativas que desafiam as estruturas hegemônicas e questionam as noções convencionais de sexualidade, identidade, amor e responsabilidade. Ao investigarmos a trajetória das personagens Ana Cristina e Vic, pudemos observar como suas existências são moldadas por eventos históricos, culturais e traumas pessoais. A habilidade singular de Vic no romance, serve como uma metáfora para a forma como a memória e o esquecimento atuam no processamento de traumas e na construção de identidades. A obra revela que a luta contra o apagamento e a marginalização dissidentes é contínua, e que a literatura pode ser um espaço de resistência e transformação, convidando os(as) leitores(as) a confrontarem suas próprias percepções e preconceitos.

Categoricamente, memória e afeto são conceitos muito presentes na literatura contemporânea, encontro entre o vivido e o imaginado, emoções se imbricam, como em Thalita Coelho que aborda esse entrelaçamento com profundidade e provocação, desafiando os discursos dominantes ideológicos e incitando os(as) leitores(as) a questionarem essas formas de dominação. A análise de *Desmemória* revelou como a perspectiva decolonial pode enriquecer nossa compreensão das representações culturais e históricas, também a partir da literatura e quiçá, da sala de aula.

Não raro, este estudo contribuiu/contribui para o diálogo sobre a decolonização do pensamento e da expressão artística, evidenciando a importância de valorizarmos as múltiplas formas de *saber, ser, ver, fazer, pensar e ouvir*. Ao explorar as complexas camadas da narrativa de Coelho, promovemos uma compreensão mais ampla e sensível das diversas experiências humanas, que muitas vezes são marginalizadas ou silenciadas.

Logo, as reflexões suscitadas foram/são fundamentais para enriquecer nosso *pensamento crítico e reflexivo* e para fortalecer nossas *práxis* com o trabalho pedagógico (e para além) como educadores(as)/pesquisadores(as). Dessa forma, este trabalho recupera importantes premissas da relevância de uma abordagem decolonial na análise literária, destacando como as representações culturais e históricas podem ser ressignificadas e reinterpretadas. Portanto, depreendemos que o romance analisado é um

exemplo contundente de como a literatura pode atuar como um espaço de resistência e transformação da realidade, oferecendo novos olhares sobre as vivências humanas e contribuindo para a construção de uma *sociedade mais crítica, humanitária e ética*.

Diante de todas as questões evocadas, podemos (in)concluir que a presença da literatura lésbica, como retrato da realidade, não é capaz de mudar vidas sozinha, mas ela opera expandindo horizontes, pensamentos e perspectivas. O caráter dessas *escrevivências* são urgentes para abalar estruturas, normas pré-estabelecidas, subverter expectativas heteronormativas e oferecer um espaço seguro para que os(as) leitores(as) críticos(as)/culturais confrontem realidades muitas vezes invisibilizadas. Em suma, é imprescindível o agir de dentro para fora, de fora para dentro, como preconizam as epistemologias decoloniais, que emanam a formação de leitores(as) críticos(as) e reflexivos(as) para as questões que envolvem, sobretudo, as diferenças/diversidades e as pluralidades em todas as suas formas.

Referências

- CANDAU, V. M. F. *Abecedário de Educação e Interculturalidade*. Rio de Janeiro: UFRJ; Cinead, 2017.
- CHEVALIER, Jean-Claude; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 18 Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- COELHO, Thalita. *Desmemoria*. Pólen: São Paulo, 2020.
- COELHO, Thalita. *Terra molhada*. São Paulo: Editora Patuá, 2018.
- DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. Introduction: Entering the Field of Qualitative Research, in DENZIN, N. K; Lincoln, Y S. (eds.), *The Landscape of Qualitative Research: Theories and Issues*. Thousand Oaks. Sage, 1998, p. 1-34.
- ENDO, P. C. Freud, o inconsciente, a des-memória, a in-memória e os paradoxos do esquecimento, do sonho e do real de Auschwitz. *Percurso*, v. 30, n. 60, p. 77-88, 2018.
- EVARISTO, C. *Becos da memória*. 2ª edição. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- GOMES, C. M. O lugar do leitor cultural. *Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural*, Alagoinhas-BA: Laboratório de Edição Fábrica de Letras – UNEB, v. 1, n. 1,

p. 8-23, 2011. DOI: 10.30620/p. i.v1i1.1412. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/1412>. Acesso em: 31 out. 2024.

MACEDO, Elizabeth. *O Currículo no Portão da Escola*. In: MACEDO, Elizabeth; RANNIERY, Thiago. (orgs). Currículo, sexualidade e ação docente. Petrópolis: DP Et alli, 2017, p. 17-44.

MIGNOLO, W. Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Argentina: *Ediciones del signo*, 2010.

NASCIMENTO, B. S.; SILVA, M. J. S. de J. Perspectivas decoloniais: experiências performativas que surgem da docência de língua inglesa na educação básica. *Rascunhos Culturais*, v. 13, n. 26, p. 258-290, 27 maio 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/rascunhosculturais/article/view/18758>. Acesso em: 30 out. 2024.

PAIXÃO, Sofia. s.v. Memória. *E-Dicionário de Termos Literários* (EDTL), 30/12/2009, coord. de Carlos Ceia. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/memoria/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

POLESSO, Natalia Borges. Sobre literatura lésbica e ocupação de espaços. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 61, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/M6fvQXLjWw8fjzjbCTn8RPv/#>. Acesso em: 15 jun. 2024.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades*, [S. l.], v. 4, n. 5, p. 17-44, 2010.

SANTOS, B. S.; MENEZES M. P. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo; Editora Cortez. 2010.